



Leonardo Coimbra, María Zambrano e Bruno Latour: diálogo sobre o conceito de Natureza entre a filosofia ibérica e o pensamento ecológico contemporâneo

Luis Carlos Vicente Ramos¹

Resumo: O tema deste artigo é o conceito de Natureza. O meu objetivo é investigar a possibilidade de fazer dialogar o pensamento de Leonardo Coimbra e María Zambrano, enquanto representantes de uma filosofia ibérica, com o pensamento ecológico contemporâneo, de modo a dar o primeiro passo na minha tese de doutoramento intitulada *Ecologia Espiritual: sacralização da Natureza na obra de Leonardo Coimbra e María Zambrano*. Metodologicamente, desenvolvo uma análise comparativa e crítica entre estes dois autores e o pensamento de Bruno Latour, figura central da discussão filosófica em torno da ecologia. No final, concluo a favor da possibilidade desse diálogo.

Palavras-chave: Bruno Latour; ecologia; Leonardo Coimbra; María Zambrano; natureza.

Leonardo Coimbra, María Zambrano, and Bruno Latour: dialogue on the concept of Nature between Iberian philosophy and contemporary ecological thought

Abstract: The theme of this paper is the concept of Nature. My objective is to investigate the possibility of bringing together the thoughts of Leonardo Coimbra and María Zambrano, as representatives of an Iberian philosophy, with contemporary ecological thought, in order to take the first step in my doctoral thesis entitled *Spiritual Ecology: sacralization of Nature in the work of Leonardo Coimbra and María Zambrano*. Methodologically, I develop a comparative and critical analysis between these two authors and the thought of Bruno Latour, a central figure in the philosophical discussion surrounding ecology. In the end, I conclude in favor of the possibility of this dialogue.

Keywords: Bruno Latour; ecology; Leonardo Coimbra; María Zambrano; nature.

Leonardo Coimbra, María Zambrano y Bruno Latour: diálogo sobre el concepto de Naturaleza entre la filosofía ibérica y el pensamiento ecológico contemporáneo

Resumen: El tema de este artículo es el concepto de Naturaleza. Mi objetivo es investigar la posibilidad de acercar el pensamiento de Leonardo Coimbra y María Zambrano, como representantes de una filosofía ibérica, con el pensamiento ecológico contemporáneo, para dar el primer paso en mi tesis doctoral titulada *Ecología Espiritual: la sacralización de la Naturaleza en la obra de Leonardo Coimbra y María Zambrano*. Metodológicamente, desarrollo un análisis comparativo y crítico entre estos dos autores y el pensamiento de Bruno Latour, figura central en la discusión filosófica en torno a la ecología. Al final concluyo a favor de la posibilidad de este diálogo.

Palabras clave: Bruno Latour; ecología; Leonardo Coimbra; María Zambrano; naturaleza.

¹ Doutorando em Filosofia e Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade do Porto/Portugal, Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa/Portugal. E-mail: luisramos1998@gmail.com.

1 Introdução

Neste artigo pretendo dar o primeiro passo na minha tese de doutoramento, que tem como título provisório: *Ecologia Espiritual: sacralização da Natureza na obra de Leonardo Coimbra e María Zambrano*.

Este passo consiste na averiguação e determinação das condições de possibilidade para fazer dialogar o pensamento de Leonardo Coimbra e María Zambrano, enquanto representantes de uma filosofia ibérica, com o pensamento ecológico contemporâneo.

O fio condutor desta pesquisa será aquele que, a meu ver, é o conceito fundamental da ecologia, nomeadamente, o conceito de *Natureza*.

Desse modo, na primeira parte deste artigo, vou procurar determinar a aceção ecológica do conceito de *Natureza*, tomando como objeto de estudo o pensamento de Bruno Latour, na medida em que este autor foi um dos principais intervenientes na discussão filosófica do nosso problema ambiental; na segunda parte deste artigo, vou procurar determinar a aceção do conceito de *Natureza* empregue na filosofia de Leonardo Coimbra e na filosofia de María Zambrano; finalmente, vou procurar determinar se e em que medida essas duas aceções são ou não coincidentes.

2 Aceção ecológica do conceito de *Natureza* em Bruno Latour

Em primeiro lugar, vamos investigar em que sentido Bruno Latour concebe a noção de *Natureza* no âmbito do pensamento ecológico contemporâneo.

Para esse efeito, quero chamar a atenção para a primeira conferência da sua obra *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*, cujo título é “Sobre a instabilidade da (noção de) natureza”.

O conceito de *Natureza* é apresentado por Bruno Latour nesse texto como o núcleo de uma tensão de matriz ocidental relativa à pertença do ser humano à *Natureza*. Se, por um lado, como escreve o filósofo francês, “a crise ecológica é com frequência apresentada como a descoberta eternamente retomada de que ‘o homem pertence à natureza’” (Latour, 2020a, p. 19), destacando-se, neste movimento de aproximação, a identificação do ser humano com a *Natureza*; por outro lado, destaca-se também um movimento aparentemente contrário, de afastamento, de diferenciação entre o ser humano e a *Natureza*, e que tem por base a ideia de que

na tradição ocidental, a maior parte das definições do humano enfatiza até que ponto ele se distingue da natureza. Isso é o que se quer exprimir, mais frequentemente, com as noções de “cultura”, de “sociedade” ou de “civilização”. Por conseguinte, toda vez que se quer “aproximar os seres humanos da natureza”, somos impedidos de fazê-lo por meio da objeção de que o humano é, acima de tudo, ou que ele é também, um ser cultural que deve escapar ou, de qualquer modo, se distinguir da natureza (Latour, 2020a, p. 19-20).

O que esta tensão, a meu ver, tem a dizer sobre a definição do conceito de Natureza, é se a mesma compreende ou não o ser humano, isto é, se podemos definir o conceito de Natureza como um dado objetivo inteiramente independente do ser humano ao qual ele pertence; ou se, pelo contrário, não existe algo aí fora a ser definido como Natureza porque toda a Natureza é já Cultura, é já uma Natureza humanizada, e, portanto, o conceito de Natureza é redutível ao conceito de Cultura.

A posição de Bruno Latour, no que importa para definirmos o conceito de Natureza, vai no sentido de superar esta visão dualista que opõe o conceito de Natureza e de Cultura como dois domínios independentes que se excluem mutuamente, estabelecendo uma relação de interdependência entre a definição de Natureza e a definição de Cultura:

não tente definir apenas a natureza, porque você terá que definir também o termo “cultura” (o humano é o que escapa à natureza (...)); não tente definir apenas “cultura”, porque de imediato terá que definir também “natureza” (o humano é o que não pode “escapar totalmente” das restrições da natureza) (Latour, 2020a, p. 20).

De modo a pôr em evidência essa instabilidade na noção de natureza, Bruno Latour serve-se de uma analogia que julgo ilustrar bastante bem o seu ponto de vista. Para ele, assim como o termo *homem*, que designava a espécie a que ele pertencia e ao mesmo tempo uma parte da espécie, foi substituído por um termo mais abrangente de modo a incluir nele o par *homem/mulher*, nomeadamente, o termo *humano*; também o filósofo sugere que o termo natureza designa a *totalidade constituída pelo mundo natural/mundo cultural* e ao mesmo tempo uma parte dessa totalidade, a saber, o *mundo natural*, pelo que o filósofo propõe a sua substituição pelo termo *Natureza/Cultura* (Latour, 2020a).

Outra analogia invocada pelo autor com vista a ilustrar o seu ponto de vista, a qual, segundo ele, deve a sua relevância ao facto de estar diretamente relacionada com o modo contemporâneo de conceber a Natureza, pertence à história da arte. Trata-se do caso das naturezas mortas (Latour, 2020a). Bruno Latour chama a atenção para

a curiosa particularidade da pintura ocidental, a partir do século XV, de organizar o olhar do espectador para servir de contraparte a um espetáculo de objetos ou de paisagens. O espectador não apenas deve se manter a certa distância do que olha; o que ele vê deve estar também organizado, preparado, montado, alinhado para ser perfeitamente visível. Entre os dois está o plano da pintura, que ocupa o meio entre o objeto e o sujeito (Latour, 2020a, p. 21-22).

O filósofo vê, então, na estrutura que preside ao funcionamento da pintura, a qual implica a mútua fabricação de um sujeito para um objeto, ou seja, de uma maneira de ver; e de um objeto para esse sujeito, ou seja, de uma maneira de ser visto,

a prova de que existe um operador, uma operação, que separa objeto e sujeito, exatamente como existe um conceito comum que distribui os respectivos papéis da Natureza/Cultura ocupando a mesma posição que o “humano” diante das categorias marcadas homem/mulher (Latour, 2020a, p. 22).

A importância deste exemplo reflete-se no facto de que, para Bruno Latour, “é sobretudo da pintura – a pintura de paisagem, em particular – que tiramos o fundo de nossas concepções da natureza” (Latour, 2020a, p. 24).

Daí se conclui que, como escreve Bruno Latour, “a natureza é apenas um elemento de um complexo composto ao menos de três termos: o segundo é aquilo que lhe serve de contraponto (a cultura), e o terceiro, aquilo que reparte os traços entre os dois” (Latour, 2020a, p. 24), ou seja, tal como o termo *homem* e *mulher* a respeito do termo *humano* ou o *sujeito* e o *objeto* a respeito da *pintura*. Consequentemente, no que se refere ao conceito de Natureza que aqui buscamos, isso implica, no entender do filósofo, que “a natureza não existe como um domínio, mas apenas como a metade de um par definido por um conceito único” (Latour, 2020a, p. 24).

Esta definição, contudo, parece-me, demasiado vaga. É verdade que ela enquadra a noção de Natureza no sentido de harmonizar aquilo que habitualmente se designa como a primeira e a segunda natureza humana. E também é verdade que ela chama a atenção para a inexistência de uma Natureza imaculada sem intervenção do ser humano, desfazendo assim em sombras de nada a imagem daquela Natureza-paisagem, manipulada e organizada para ser vista pelo ser humano, que nos dias de hoje identificamos com o conceito de Natureza. Porém, ela apenas nos mostra o que devemos ou não considerar Natureza. Releva-nos os limites da aplicação do conceito, mas nada nos revela acerca da sua essência.

Nesse sentido, de modo a desenvolver esta noção ecológica de Natureza, vou recorrer à obra *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Neste texto, Bruno Latour parece aprofundar essa noção ao dar conta da operação que ele nomeia de *Grande Substituição*. Esta consistiu, segundo ele, na substituição de uma *Natureza-processo*, a qual assenta numa visão terrestre da natureza na medida em que essa mesma natureza era percecionada a partir do interior da Terra – por uma *Natureza-universo*, a qual assenta numa visão planetária da natureza na medida em que essa mesma natureza passou a ser percecionada mediante um desvio para o exterior da Terra. Como explica o filósofo:

até o século XVI, esse conceito [de Natureza] podia ainda abarcar uma cadeia de movimentos; esse é o sentido etimológico da *natura* latina ou da *physis* grega, que se poderia traduzir por origem, geração, processo, curso das coisas. Todavia, a partir do século seguinte, o uso da palavra “natural” passou a estar cada vez mais reservado à investigação de um único tipo de movimento considerado do exterior. Esse é o sentido que a palavra terminou por ganhar na expressão “ciências da natureza” (Latour, 2020b, 65).

Para Bruno Latour, embora perseguindo a Natureza-processo, ocultada pela noção comum de Natureza, teria sido, contudo, a Natureza-universo o objeto que a ecologia tomou para si. É essa a noção de Natureza que estávamos buscando, pois é essa a Natureza que, segundo o filósofo francês, a ecologia visa proteger e defender (Latour, 2020b).

3 Aceção do conceito de *Natureza* em...

Passemos agora à análise do conceito de Natureza no pensamento ibérico, tomando como objetos de estudo a obra do filósofo português Leonardo Coimbra e a obra da filósofa espanhola María Zambrano.

3.1 Leonardo Coimbra

Vamos começar por investigar a noção de Natureza empregue na filosofia de Leonardo Coimbra. A estreita relação que este filósofo tem com o que habitualmente concebemos como Natureza transparece ao longo de toda a sua obra. Podemos tomar como exemplo um dos primeiros textos de Leonardo Coimbra, intitulado *A doida*, no qual encontramos uma descrição literário-poética onde predominam elementos da vegetação:

a Primavera enchia de vibrações de vida toda a vegetação, que, ébria de amor, se vestia das mais belas folhagens, e emanava os mais estonteantes perfumes... Cercados de flores, cobertos por um formosíssimo dossel de verdura, aspiravam, de mãos dadas, a inebriante languidez daquela hora (Coimbra, 2004a, p. 76).

No texto *O padre liberal*, Leonardo Coimbra descreve uma paisagem na qual se destacam elementos marítimo-montanhosos, tal como ilustra a passagem que se segue:

hoje a tempestade estremece por toda a terra, um vento genésico abala as montanhas, encrespa os mares, fustiga as árvores e os homens. A terra revolve as entranhas, e, de serra em serra, a voz do vento, pregando criação, revela energias ocultas, levanta forças indomáveis, grita o ritmo selvagem das formas novas ansiosas, loucas da proximidade da criação (Coimbra, 2004k, p. 126).

No texto *O padre e a educação*, Leonardo Coimbra vê no próprio elemento da Natureza que é a serra o tempo de Deus, na medida em que, para o padre humilde imaginado pelo filósofo português,

o seu templo não se ergue no alto da serra de cara para o Oriente, esperando o Sol. O seu templo é a própria serra, a própria terra pejada de ideal, o próprio sol deslumbrador e amigo. Quando à tarde se erguem da planície, subindo os flancos da montanha, os murmúrios das ervas inquietas é em Deus que a nossa alma ávida os recebe e interpreta. Deus é a omnipresença moral, é, por isso, a eterna alegria do bem (Coimbra, 2004j, p. 238).

No texto *O poeta Teixeira de Pascoais*, pergunta Leonardo Coimbra numa imagem rica em elementos naturais que cabe destacar: “quantas vezes na primavera, perdidos, alheados no meio do campo, o ouvido perto do tronco que carrega o sangue para a flor, esquecidos, recebendo em pleno rosto as lufadas genésicas da criação que trabalha” (Coimbra, 2004m, p. 135).

Por fim, e de forma mais veemente, destacamos também o texto *A morte da Águia: Poema de Jaime Cortesão*, no qual Leonardo Coimbra alude aos “companheiros da viagem do Infinito, que são o bosque, o rio, a ave, o mar, a árvore etc.” (Coimbra, 2004c, p. 184).

Mas encontramos na obra de Leonardo Coimbra estes elementos da Natureza associados ao conceito de Natureza? A resposta a esta questão pode ser encontrada em vários textos, como exemplifica a passagem do texto *Carta*, que de seguida transcrevemos, no qual o filósofo português fala do

sabor novo e para logo perdido da primeira comunhão com a Natureza... Era num inverno, na mais formosa aldeia do mundo (que a minha aldeia é a mais bela de

todas). O sol abraçava o corpo frio da terra, branca de neve, como era então a minha alma. As árvores nuas pareciam adormecidas ou mortas. Eu corria sobre a neve, quando *ouvi, nitidamente ouvi*, bulir a alma dum castanheiro. Então, dobrado num assombro, senti-me crescer, crescer muito e a um impulso interior, desvairado e sem sentidos, correr liquefeito, intérmino pelo horizonte silencioso e diáfano... (Coimbra, 2004e, p. 203).

Outro exemplo é o texto *A separação da Igreja e do Estado*, no qual Leonardo Coimbra alude à “imensa catedral verde da Natureza, a abóbada celeste onde os astros no seu giro de harmonia simbolizam a aspiração da vida moral para a divina e fraternal unidade” (Coimbra, 2004d, p. 227).

Mas existem na obra de Leonardo Coimbra outras aceções do conceito de Natureza para além daquela em que a mesma é concebida como paisagem? Entrando a fundo na obra do filósofo português, encontramos outros textos em que a Natureza é pensada tendo por referência o ser humano e a harmonia e comunhão que este estabelece com ela.

Primeiro, quando o filósofo português, no texto *Excerto inédito*, pensa a relação do ser humano com a Natureza na antiguidade. Partindo da asserção de que o “pensamento originário foi essencialmente *mitogénico* e animista”, escreve:

as religiões primitivas são o convívio do homem com os seres naturais de que ele depende e cuja benevolência procuram conseguir por oferendas e atitudes especiais (ritos), que ainda o mesmo *post hoc ergo propter hoc* lhes fez supor eficazes após algumas experiências casualmente felizes (Coimbra, 2004f, p. 113).

Outro exemplo é o texto *Natal e Novo Ano*, quando, em direta alusão à Grécia Antiga, escreve

a vida helénica era fácil, harmoniosa e ágil. A inocência das suas almas desprevenidas prendia os gregos, com lúcidos e claros olhos, na admiração da Natureza. A Natureza era bela e simples. A proporção e a harmonia eram a sua lei. Eles eram fortes e aventureiros. Com facilidade a dominaram. Daí uma intimidade, um equilíbrio amigo entre o homem e a Natureza (Coimbra, 2004g, p. 206).

Segundo, no texto *O homem livre e o homem legal*, Leonardo Coimbra acaba mesmo por ver em Deus a expressão da solidariedade do ser humano com a Natureza, ao escrever que “o direito divino de conduzir povos não pertence a homens. Deus pela palavra de consciência o pode somente fazer. Esta ideia de Deus é hoje, não já um engano do nosso espírito tomando-se para medida do Universo; mas a expressão da solidariedade do homem com a Natureza” (Coimbra, 2004h, p. 90).

Terceiro, quando o filósofo, retomando agora o texto *Carta*, procura distinguir entre o domínio humano e o domínio da Natureza, entre o domínio de uma artificialidade e o domínio de uma naturalidade, confessando:

perdi a pureza, a virgindade, a fluidez. Fui petrificando nos moldes em que os homens me comprimiram. O meu coração encheu-se de sentimentos adaptativos e artificiosos. Esqueci a natureza para me amoldar aos homens. Mas o rio da vida, sob a estéril penedia das lições dos homens, humilde, ia correndo sempre. Um dia tive uma maré de alma; de novo à superfície subiu a ternura e a bondade. E desde então num deslumbramento continuado eu tenho vivido! (Coimbra, 2004e, p. 203).

Quarto, quando Leonardo Coimbra procura identificar o ser humano com a própria Natureza, destacando-se aqui um texto como *A filosofia da liberdade*, no qual ele estabelece uma relação de equivalência entre o âmago da humanidade e da Natureza, ao aludir ao “coração da natureza (que é o coração humano)” (Coimbra, 2004b, p. 293).

Quinto, encontramos no texto *O mistério* a imagem de uma Natureza vazia que precisa de ser preenchida pelo próprio ser humano. Aqui, a Natureza, analisada de um ponto de vista puramente materialista, é revelada como um ser arbitrário, destituído de sentido próprio, onde predomina a ausência de finalidade:

o Universo é silencioso. Só o homem fala; daí a sua dor. Fala e a sua humilde e comovida voz perde-se na enorme solidão da Natureza. Perde-se? Eis o Mistério. Mistério de angústia e de esperança, trágico e sublime. Esperança — a maior palavra do vocabulário humano. Quantas vezes, em frente ao mar, sentimos que o Universo sofre duma radical impotência, duma inexplicável insensatez. O mar é um doido, repetindo um estribilho eterno e oco. Por vezes é abalado por uma ventania, doida também, que o divide e entrechoca, raivoso e inútil. É a eternidade sem passado e sem futuro; o eterno presente, imbecil, vão, desolador e terrível. Negra visão de uma das possibilidades do Ser! Ser a onda inútil e caprichosa que, erguida pelo vento que chega, desaparece com o vento que passa; ser o rochedo que, levado pelo vendaval que o arranca, inerte, sem ser e sem vida, de novo caminha para a imobilidade; ser tudo o que não é, o que não vive, o que não ama, não sofre e não chora; ser a bruteza, a morte, o sono eterno e sem sonhos! Eis o que lembra o arfar contínuo do Oceano — peito soerguido que um coração não anima, frémito que uma alma não sentiu! E além todo o espaço, a terra, o mar, os mundos, estrelas, constelações longínquas, tudo é frio, mudo e inútil — um eterno presente, esparsas vibrações de átomos que o mais ténue laço de amor não une! (Coimbra, 2004i, p. 180-181).

Porém, quando o ser humano reinterpreta a Natureza à luz de um ponto de vista do espiritualismo, a imagem que ele recebe dela transforma-se profundamente. Esta visão dá-nos a imagem de uma Natureza viva que se abre aos seus olhos em todo o seu esplendor:

mas; enquanto a minha visão alucinada procura no espaço cego uma luz espiritual uma luz de amor, enquanto a minha voz vai clamando, no infinito mudo, por outra voz que a entenda e lhe responda; o meu coração vai se enchendo duma comovida piedade pelas coisas, dum íntimo enternecimento de lágrimas serenas. Lágrimas misteriosas, lágrimas alheias que, em mim, chora a Natureza escrava. E a grande Natureza chora e sofre! E julgo perceber no mar uma agitação ansiosa, bater de asas, estremecimentos, onde há aquela melancolia única dos olhos do doido, que é a nostalgia do próprio ser, que se perdeu, e se pressente esparso, longínquo e estranho. As estrelas têm frêmitos de alma e, na noite escura e muda, também elas falam de amores, de lendas, de mistérios, de sonhos. O Universo inteiro vive, ama e sofre – sofre, ama e eleva-se. Em tudo palpita o mesmo sonho, a mesma aspiração, a mesma cegueira de olhos, que não avistam a luz, mas nela mergulham, nela vivem e dela se alimentam. Assim o coração, que primeiro tinha fugido tiritante e aterrado, agora avança, envolve, ilumina, aquece todo o silencioso espaço infinito. A voz, que primeiro pareceu perdida na solidão impenetrável, agora canta em todo o Universo, acorda todas as cousas, fala em todas as línguas o mesmo sonho de bondade, de fraternização e de eterno amor! (Coimbra, 2004i, p. 181).

Leonardo Coimbra atribui, pois, ao ser humano, esta tarefa de espiritualizar, de humanizar a Natureza, para que toda ela permaneça irradiante:

o Universo é silencioso. Só o homem fala – daí o seu dever. Ele vai erguer-se no espaço mudo e frio. E o espaço vai encher-se de harmonia, de luz e fraterno calor. Ele vai achar palavras para os mudos, amor para os indiferentes. Ele vai condensar no seu coração todas as dores e acender no seu olhar todas as orações. Nada haverá pobre e adormecido. A todas as entranhas ele arrancará bondade. A pedra de Horeb vai correr fluida, em emoção, em líquida bondade, em fecundo e glorioso amor. E partindo, generosa e humildemente, ele vai missionar o Universo inteiro. E sabe dizer à Treva: «Será tua a última palavra; mas para isso aniquila-me». E ele bem sente que isso é impossível, porque os seus atos comovem o Universo inteiro. Neles se afirma, pois, o infinito» (Coimbra, 2004i, p. 182-183).

Por fim, há ainda em Leonardo Coimbra a ideia de uma Natureza que é objeto de domínio pelo ser humano. No texto *O pensamento e a liberdade*, Leonardo Coimbra, criticando o excesso de tecnicidade do ensino na altura em que viveu, acusava-o de ser o responsável por destituir a sensibilidade das crianças para com a Natureza, ao referir que:

uma paisagem é-lhes indiferente, do mar sabem que tem muitas espécies de animais, das flores que têm muitas formas, da terra que é um planeta, do homem que é um primata, da alma que tem nevroses. Ignoram a emoção do camponês que ama as árvores, que plantou a seara que o seu trabalho fez florir; a terra que as suas mãos resolveram e que dos seus flancos fecundos lhe dá o pão e o vinho, a saúde e a alegria (Coimbra, 2004i, p. 129).

Tomando novamente em mãos o texto *Excerto inédito*, vemos que Leonardo Coimbra atribui à ciência a exclusividade do papel de dominar a Natureza, ao escrever que

“qualquer que seja o valor de verdade que a crítica filosófica determine à ciência, é incontestável, como a materialidade de um pau que nos apalpe as costelas, que a ciência e só ela permite o domínio da natureza”, na medida em que, como escreve mais à frente o filósofo português, “a ciência ensina os meios de ação sobre a natureza – equivalente do conhecimento físico do cosmos” (Coimbra, 2004f, p. 109).

No texto *Palavras dum desconhecido*, Leonardo Coimbra romantiza a submissão da Natureza à vontade do ser humano, ao escrever que “a Natureza humilhada obedecia ao seu Verbo e era apenas o prolongamento das suas palavras. Estendia os braços na direção do mar, e eu via as árvores dobrarem-se submissas, numa religiosa aquiescência” (Coimbra, 2004n, p. 233).

3.2 María Zambrano

Vamos agora investigar a noção de Natureza empregue na filosofia de María Zambrano. Apesar de aparecer de forma mais esparsa, encontramos também nesta filósofa uma estreita relação com o que habitualmente concebemos como Natureza ao longo de toda a sua obra. Podemos tomar como exemplo a obra *Los intelectuales en el drama de España*, na qual María Zambrano descreve os elementos de uma paisagem:

hoy el paisaje es el mismo: la ciudad pequeña temblará, encendida de torres doradas y altísimos chopos, el río seguirá cruzando serenamente la alameda; serenamente, apaciblemente. El agua purísima seguirá formando el manto de la virgencita morena y, entre las rocas más peladas, más altas, más desoladas, estará aquella cueva de la «noche obscura». Y en la noche se seguirá escuchando, por virtud de los luceros y de la quietud de la tierra, «la música callada» y la «soledad sonora» (Zambrano, 1998, p. 274).

Também na obra *Horizonte del liberalismo*, María Zambrano se refere à “vida mísera del campesino de Castilla, del jornalero del espléndido campo andaluz, aguachinada la sangre de gazpacho, diluida la mente en la sensual contemplación del paisaje” (Zambrano, 1996, p. 213).

Mas encontramos na obra de María Zambrano estes elementos da Natureza associados ao conceito de Natureza? A resposta a esta questão pode ser encontrada em obras como *Filosofía y Poesía*, na qual a filósofa espanhola, ao refletir sobre o tema da ausência e busca pelos vestígios do ser amado na poesia secular escrita no período moderno e anterior, refere que: “la naturaleza entera se transforma: ríos, árboles, prados, la

luz misma conserva la huella de la presencia amada siempre esquiva e inalcanzable” (Zambrano, 1973, p. 69). Outro exemplo é a obra *Pensamiento y poesía en la vida española*, na qual María Zambrano vê como pano de fundo de D. Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes uma novela castelhana que tem como heróis os elementos da paisagem:

en una obra como el Quijote, donde la figura señera del héroe alcanza tan inmensas proporciones, queda sin embargo intacta debajo de su sombra una estupenda novela castellana, donde los protagonistas son los caminos, las ventas, los árboles, los arroyos y los prados, los pellejos de vino y aceite, los trabajos de todas clases, en suma: las cosas y la naturaleza (Zambrano, 1939, p. 33).

Mas existe na obra de María Zambrano outras aceções do conceito de Natureza para além daquele em que ela é concebida como paisagem? Entrando a fundo na obra da filósofa espanhola, encontramos outros textos em que a Natureza é pensada tendo por referência o ser humano e a harmonia e comunhão que este estabelece com ela.

Primeiro, na obra acima referida, María Zambrano alude a uma identificação do ser humano com a Natureza, ao escrever que

la filosofía clásica contestó como mejor pudo a la demanda, dando una noción del hombre referida a lo que había sido el objeto fundamental de sus investigaciones: la naturaleza. La noción del hombre como naturaleza, como algo embebido en el cambio constante de la naturaleza, en el devenir incesante de su movimiento. No otra cosa que naturaleza era el hombre. Análogo a ella, es decir: cambio y ley (Zambrano, 1939, p. 51).

Esta identificação do ser humano com a Natureza não se faz, contudo, pelo lado cósmico que ambos partilham, mas pela dimensão passional do ser humano, como explica a filósofa espanhola:

mas por muy análogo a la naturaleza que sea el hombre, por más que los componentes de su cuerpo sean elementos cósmicos, resulta que los componentes inmediatos, aquellos en cuya alteración se siente naufragar, no son los elementos cósmicos, sino algo más cercano a sí mismo: las pasiones. Del vaivén de sus pasiones era de lo que se tenía que salvar, y dentro de su heterogeneidad dolorosa era donde tenía que encontrar y fundar su identidad, su unidad, que vale tanto como decir su ser (Zambrano, 1939, p. 51).

Segundo, María Zambrano, numa crítica ao modo de compreensão que os estoicos tinham da relação entre o ser humano e a Natureza, os quais reduziam a *natureza humana* à

natureza cósmica, procura mostrar a diferenciação entre estes dois domínios, explicando como ela não é algo já dado, mas tem de ser conquistada

la serenidad, la apatía del sabio, significa la unidad del hombre, unidad análoga a la de la naturaleza, pero que a diferencia de ella hay que conquistar. Esta esencial diferencia entre la naturaleza ya hecha del cosmos y la naturaleza (identidad, unidad) humana que es preciso ser sabio para lograr, no pareció ser captada por el estoico que vio solamente la analogía entre la naturaleza humana y la cósmica (Zambrano, 1939, p. 51-52).

A filósofa espanhola pensa ainda a noção de ser humano na sua relação com o cosmos, a qual faz a Natureza tomar parte de um pacto entre as forças humanas e as forças naturais, ao escrever que

la serenidad, pues, era cuestión de ser o no ser; mediante ella el hombre lograba su naturaleza. Era una virtud esencial por la cual el hombre entraba en perfecta armonía con el cosmos. Pero había en esta noción del hombre una limitación del ser humano, una conciencia de su finitud en medio del cosmos. Una firme y clara conciencia de la limitación del ser hombre, que se encontraba cercado, rodeado, reducido a una condición de parte o miembro de un gran organismo: el cosmos, dentro del cual no hallaba espacio para una vida futura, para un desarrollo de lo que él llevaba en sí de específico. Ser hombre, para un estoico, es algo como ser cosa. La única condición propiamente no natural, fuera de lo cósmico, era, no la serenidad, sino la dignidad. Dignidad que era la única exigencia, la única condición que imponía al cosmos para continuar habitándolo. Por la dignidad quedaba el hombre como criatura singular en el universo, no absorbido totalmente por él. La serenidad le sumía dentro del mundo cósmico, le hacía ser una nota más en la armonía de las esferas, significaba el apaciguamiento absoluto, el pacto entre el hombre y la tremenda naturaleza (Zambrano, 1939, p. 52).

Regressando à obra *Horizonte del liberalismo*, também aqui María Zambrano vê a Natureza como geradora do ser humano para logo dela se separar, diferenciando-se da mesma:

la naturaleza permanece fiel al impulso creador; en sus acontecimientos hay un carácter de necesidad y en su silencioso ser es la máxima virtud de la obediencia, la entrega sumisa a los latentes designios. Pero el hombre, no. Emerge de la naturaleza, habla, contraría el orden hallado, es el heterodoxo cósmico (Zambrano, 1996, p. 205).

Terceiro, María Zambrano, nessa mesma obra, chega também a admitir a artificialidade da Natureza, na medida em que mesmo quando o ser humano parece estar em acordo com uma Natureza que lhe é exterior e da qual ele é independente, essa Natureza está já imbuída de humanidade porque concebida pelo ser humano e, por essa

razão, já essencialmente artificial: “y así, aun cuando viva de acordó con la naturaleza, obediente a ella, adquiere este acatamiento un carácter de voluntariedad consciente. Es hasta cierto punto una naturaleza buscada y, por lo mismo, humanizada, a veces artificial” (Zambrano, 1996, p. 205).

Quarto, María Zambrano faz também a alusão a uma identificação da Natureza enquanto Deus: “hay toda una corriente del catolicismo español (condenada por la Inquisición) donde resplandece extremada esta resignación, esta renuncia. Entonces la naturaleza se llama Dios” (Zambrano, 1939, p. 54).

Quinto, María Zambrano equaciona uma aceção de Natureza que tem no ser humano o seu interlocutor, ao escrever que “la historia no es sino un diálogo, bastante dramático, por cierto, entre el hombre y el Universo. Gracias al hombre hay diálogo, dualidad. Él es siempre *el otro* en la naturaleza” (Zambrano, 1996, p. 204-205).

Por fim, há ainda em María Zambrano a ideia de uma Natureza que é objeto de domínio pelo ser humano. Dissertando sobre a decepção provocada pela ideia de progresso concebida pelo século XIX, a filósofa espanhola escreve que

esta idea del progreso tuvo su máxima eficacia en lo científico con vistas a la técnica y en el adelanto industrial. Alcanzó todo su esplendor en el desarrollo de lo que llamamos civilización frente a cultura; a él le deberá la Humanidad el haber alcanzado mayor dominio sobre la Naturaleza y el haber pulido las condiciones de la vida material (Zambrano, 1996, p. 229).

Mas encontramos em María Zambrano uma definição explícita do conceito de Natureza? A resposta para esta questão está na obra *Filosofía y Poesía*, que aqui retomamos, e na qual María Zambrano refere que: «por naturaleza entendemos la manera de ser de una cosa que lo es por sí misma, es decir, que su ser no está hecho por las manos del hombre» (Zambrano, 1973, p. 52). Regressando à obra *Pensamiento y poesía en la vida española*, vemos María Zambrano ampliar e concretizar esta noção de Natureza, aludindo à “la realidad que es la naturaleza, la naturaleza que son las criaturas humanas y también las cosas” (Zambrano, 1939, p. 29).

4 Considerações Finais

Para concluir, vamos retomar o principal objetivo deste artigo, isto é, averiguar as condições de possibilidade para fazer dialogar, por um lado, o pensamento de Leonardo

Coimbra e María Zambrano, enquanto representantes de uma filosofia ibérica; e por outro lado, o pensamento ecológico contemporâneo.

Nesse sentido, são duas as questões a que importa responder:

Primeira questão: são ou não coincidentes a aceção ecológica do conceito de Natureza em Bruno Latour e a aceção do conceito de Natureza em Leonardo Coimbra e María Zambrano?

A resposta é:

Sim.

Segunda questão: em que medidas ambas as conceções são coincidentes?

A resposta é:

Em primeiro lugar, a aceção do conceito de Natureza em que a articulação entre o pensamento de Bruno Latour, Leonardo Coimbra e María Zambrano é mais evidente é na conceção da mesma enquanto paisagem, destacando-se em ambos os autores ibéricos os elementos naturais que a constituem. Para além disso, ambos os autores, como Bruno Latour, põem em causa, digamos, a naturalidade da própria Natureza, interrogando-a acerca da sua artificialidade latente.

Em segundo lugar, encontramos também nos três autores uma aceção de Natureza pensada por referência ao ser humano. Se Bruno Latour concebe uma Natureza que ao mesmo tempo se identifica e distingue do ser humano, mas que, sobretudo, não pode já ser pensada sem ele, também em ambos os autores ibéricos esse movimento de aproximação e afastamento entre o ser humano e a Natureza sobressai na análise crítica efetuada. Destaca-se o facto de que tanto em Leonardo Coimbra, tanto em María Zambrano, o ser humano é percecionado como interlocutor da Natureza, que tem a tarefa de expressar as suas necessidades e preencher os seus vazios. Por fim, encontramos em ambos os autores ibéricos essa ideia tão cara à ecologia de uma Natureza que é objeto de dominação por parte do ser humano, originada pelo advento da ciência e técnica modernas, exacerbada pelos seus avanços e desenvolvimentos, os quais são apontados como principais responsáveis pelo período crítico que atravessamos.

Em terceiro lugar, encontramos em ambos os autores ibéricos a distinção fundamental apresentada por Bruno Latour de uma *Natureza-processo* e de uma *Natureza-universo*. Na primeira aceção do termo, isso é evidente quando esses autores pensam relação entre o ser humano e as forças exteriores que dele não dependem, considerando-as, por isso, naturais, a partir de interior da Terra, terrestres. Inclui-se, aqui, a

relação entre Deus, o ser humano, e a Natureza. Na segunda aceção do termo, isso é evidente quando esses autores pensam a relação entre o ser humano e o cosmos, considerando o ser humano a partir de um ponto de vista do exterior da Terra, planetário.

Posto isto, parece-me que estão reunidas as condições necessárias para prosseguir a minha investigação, que encontra aqui um terreno sólido e fértil para florescer. Partindo do trabalho feito até agora, cabe-me somente dar os próximos passos, que passarão por delinear na obra dos dois autores ibéricos, de forma mais vincada, os contornos do problema ecológico contemporâneo, as suas causas, consequências e possíveis soluções.

Referências

COIMBRA, L. A doida. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004a. p. 74-79.

COIMBRA, L. A filosofia da liberdade. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004b. p. 292-300.

COIMBRA, L. A morte da Águia: Poema de Jaime Cortesão. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004c. p. 184-189.

COIMBRA, L. A separação da Igreja e do Estado. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004d. p. 226-228.

COIMBRA, L. Carta. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004e. p. 202-205.

COIMBRA, L. Excerto inédito. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004f. p. 108-114.

COIMBRA, L. Natal e Novo Ano. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004g. p. 206-210.

COIMBRA, L. O homem livre e o homem legal. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004h. p. 88-91.

COIMBRA, L. O mistério. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004i. p. 180-183.

COIMBRA, L. O padre e a educação. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004j. p. 237-239.

COIMBRA, L. O padre liberal. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004k. p. 125-126.

COIMBRA, L. O pensamento e a liberdade. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004l. p. 126-228.

COIMBRA, L. O poeta Teixeira de Pascoais. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004m. p. 135-136.

COIMBRA, L. Palavras dum desconhecido. *In*: COIMBRA, L. **Obras Completas**: Vol. I. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004n. p. 233-236.

LATOUR, B. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Maryalua Meyer (trad.). São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LATOUR, B. **Onde aterrar?**: como se orientar politicamente no Antropoceno. Marcela Vieira (trad.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

ZAMBRANO, M. **Filosofía y Poesía**. 4. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

ZAMBRANO, M. **Horizonte del liberalismo**. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

ZAMBRANO, M. **Los intelectuales en el drama de España**. Valladolid: Editorial Trotta, 1998.

ZAMBRANO, M. **Pensamiento y poesía en la vida española**. México: La Casa de España en México, 1939.